

Espaços da recordação: para uma teoria da memória cultural

Spaces of remembrance: for a theory of the cultural memory

Cristiane Garcia Teixeira¹crisgarciat@gmail.com.

Universidade Federal de Santa Catarina

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

Aleida Asmann, nascida em 1947 na Alemanha, é doutora em literatura inglesa e em egiptologia. Seu livro “Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural” é uma versão modificada de sua tese de livre docência aceita em 1992 pela Universidade de Heidelberg. Este livro, que parece ser o único de todos os títulos da autora traduzido para o português, foi publicado em 2011 pela editora da Unicamp. O momento de sua publicação na Alemanha e, anos depois, no Brasil, apresenta algumas semelhanças. Asmann publicou sua tese na década de 1990, momento em que se intensificava um deslocamento da concepção de memória. Desde a década anterior, 1980, a memória do Holocausto, apoiada por uma revolução midiática da escrita, emergia e era discutida publicamente na Alemanha. No Brasil, no mesmo ano da publicação do livro “Espaços da recordação”, foi sancionada a Lei 12528/2011² que instituiu a Comissão Nacional da Verdade (CNV), que tinha por objetivo apurar violações de direitos humanos ocorridos durante a ditadura militar brasileira. No entanto, alemães\alemãs e brasileiros\brasileiras lidaram de maneira diferente com a experiência dessas memórias traumáticas marcadas por violência.

Em 2013, dois anos após a publicação de seu livro pela editora Unicamp, Aleida e seu marido, também companheiro de pesquisa, o egiptólogo Jan Assmann, estiveram no Brasil participando do ciclo de conferências “Espaços da recordação”, organizado pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Federal do Paraná. Passaram por Campinas, Rio de Janeiro e interior do Paraná proferindo palestras em comemoração também ao ano da Alemanha no Brasil. Na passagem por Campinas, Aleida concedeu uma entrevista ao Jornal da Unicamp, onde analisou lições da Alemanha que poderiam ajudar ao Brasil na reflexão sobre o passado

1 Mestra em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação da mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

2 Ver em: BRASIL. Constituição (2011). Lei nº 12,528, de 18 de novembro de 2011. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República.. Brasília, 18 nov. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm>. Acesso em: 10 ago. 2019.



traumático, principalmente, aquele ligado as graves violações de direitos humanos que ocorreram durante o período de 1946 a 1988. Foi também em 2013 que discussões sobre a revisão da história desse período (1946/88) borbulhavam nas redes sociais e nos noticiários brasileiros. Para Assmann, quando assuntos como esse emergem na sociedade a indicação é que há interesse por parte das pessoas, mesmo que haja envolvimento e engajamento a partir de outra perspectiva. Há diferentes meios de lembrar e mudar: memoriais e dias oficiais que são criados para lembrar de datas, tribunais e julgamentos e o tratamento da sociedade que, através das mídias públicas, pode criar mudanças de pensamento e vontades de mudar. A pesquisadora dá o exemplo da memória ligada ao holocausto quando da exibição, nos anos 70, da série americana “Holocaust”, que juntou gerações e disparou uma mudança bastante significativa no ponto de vista empático. E é nesse sentido que fica bastante clara a importância que Assmann dá à cultura para as transformações da memória.

Atualmente, Aleida Assmann é professora de língua inglesa e literatura comparada na Universidade de Konstanz, na Alemanha. Tem publicações em diversas áreas do campo dos estudos literários e da egiptologia. Para além dessas investigações, desde 1980 se dedica a teoria da memória. O livro “Espaços de recordação” é fruto dessa última abordagem. Está estruturado em três grandes partes que têm como títulos: Funções; Meios e Armazenadores. Nele, Assmann trabalha com a memória a partir de uma perspectiva que, sob meu ponto de vista, é brilhante, interdisciplinar e bastante complexa. Traz para o debate a literatura, História, psicologia, filosofia, arquivologia, antropologia, imagens, questões relacionadas à comunicação midiática e sua materialidade, entre outros. A autora é uma pesquisadora que aborda a memória sempre em diálogo, principalmente, com a antropologia, psicologia, literatura, História e psicanálise – e que conecta três temporalidades: o presente (o lugar em que evocamos a memória), o passado (o lugar em que remetemos nossa memória) e o futuro (porque a memória tem em vista o futuro).

Desconstruindo a ideia de uma essência para a memória, Aleida Assmann demonstra como a mesma foi trabalhada desde Cícero a Pierre Nora, para quem a memória já não mais existe. E é essa concepção de Nora, da inexistência da memória, que é refutada durante o livro, pois para a literata, questões relacionadas à memória estão cada vez mais latentes e intermediadas por diferentes interesses, principalmente quando refletidas sua relação com o poder. O desenvolvimento da materialidade das mídias memorativas torna cada vez mais complexa a construção, conservação e proteção da memória coletiva, que, para Assmann, é viva e constantemente reformulada, sendo meio de produção e transmissão de conhecimento e não apenas de reprodução. A autora destaca os mais diversos usos da memória e demonstra



que não só os indivíduos lembram, mas também grupos, sociedades, instituições e nações lembram e esquecem as coisas, fundamentando sua concepção de memória na coletividade. Tenta demonstrar como se deu esse processo de conscientização de uma memória coletiva. Em diálogo com autores como Platão, Aristóteles, Friedrich Nietzsche, Geoffrey Chaucer, George Pettie, Dante Alighieri, William Shakespeare, William Wordsworth, Sigmund Freud, Jacques Derrida, entre tantos outros, trabalha com as temáticas de identidade, recordação, memória e esquecimento.

A memória como *Ars* e *Vis*

A partir do campo dos estudos literários, Asmann trabalha com a memória a partir de duas possibilidades: *Ars*, o caminho da “arte da memória” e *Vis*, o que leva à memória “potência”. A primeira tem como patrono Cícero e a última Nietzsche.

Ars: Mnemotécnica romana. A arte, nesse sentido, é utilizada como técnica. A mnemotécnica foi utilizada e aprimorada, transformando-se em uma técnica de aprendizado consciente que mudou da audição para a visão o sentido da memória. Ela foi concebida como um instrumento que permitia o “armazenamento confiável e a recuperação idêntica das informações inseridas na memória.” (p.31). Uma questão importante a levantar é que a mnemotécnica excluía a dimensão do tempo do procedimento da memorização. O conceito de *armazenamento* é importante para a memória “arte” no processo de compreensão do procedimento mecânico que tem como objetivo a identidade entre o depósito e a recuperação de informação. Esse procedimento de armazenamento é perceptível quando apoiado em meios materiais (Asmann dá o exemplo da carta, do computador), mas é também possível sem meios e aparatos técnicos, sendo uma função especial da memória humana, utilizado principalmente para decorar textos, fórmulas, etc..

Vis: “Potência”. Reflete sobre a memória como um caminho central na formação da identidade: “paradigma da recordação formadora de identidade” (p.33). A memória como potência não exclui a dimensão do tempo. O tempo interfere no processo de memória e, desse modo, há um deslocamento naquilo que foi arquivado e no que foi recordado, o que foi recuperado. Na língua alemã se faz a diferenciação entre lembrança ou recordação e memória. Enquanto a primeira reflete uma experiência mais pessoal que pode ser compartilhada com outras pessoas, mesmo que deformada, deslocada, revalorada e distorcida. A memória, não! Ela traz a ideia de coletivo, são coisas pensadas, conhecimento. A potência funciona como uma força que, com suas próprias leis, dificulta a recuperação das informações armazenadas,



como no caso do esquecimento, ou pode bloqueá-las, como no caso dos traumas. No entanto, ela pode ser controlada pela inteligência e proporcionar uma nova disposição da lembrança.

A secularização da memoração

Em diálogo com a antropologia, Aleida Assmann indica a memoração dos mortos como o núcleo antropológico da memória cultural. Essa memoração dos mortos, por sua vez, tem uma dimensão religiosa e outra mundana, que se opõe entre si como *pietas* (piedade) e *fama*. A primeira é uma coisa que somente os vivos podem ter pelos mortos. Já a fama, que é a memoração glorificada, cada um pode conquistar para si mesmo no tempo de sua própria vida. As mudanças de valores da fama estão diretamente ligadas à secularização do tempo e da memória. Num primeiro momento, na Idade Média, essa busca pela recordação cheia de glórias foi coberta pelo cristianismo, mas retornou no Renascimento. Para Assmann, na modernidade houve também o retorno à memoração dos mortos e o exemplo disso é o memorial do Holocausto. A mudança com relação a dimensão *fama* é muito simbólica no argumento da autora de que não apenas indivíduos lembram, mas que grupos e sociedades também. A secularização da memória, descrita anteriormente, e a figura do poeta ou bardo pode nos ajudar a entender como se deu esse processo de conscientização dessa memória coletiva. “Ao lado da memória religiosa, que cuida da recordação individual e se preocupa com a salvação das almas dos mortos, aparece a fama mundana, que aposta em uma rememoração generalizada pela posteridade.” (p. 43).

Primeiramente a *fama* era a forma mais garantida da imortalidade, mas era o poeta, o funcionário da fama, que escrevia os nomes dos heróis diretamente na memória da posteridade. O que era antes um privilégio dos governantes passou a ser democratizado na Grécia (excluindo, como de costume, as mulheres), através de lutas e competições. No entanto, tornar-se vencedor nessas competições não garantia a *fama*, essa era garantida pelos bardos que tinham o poder de eternizar os indivíduos, tornando-os famosos e seus nomes perenes. Ao garantir a glória à determinada pessoas, o poeta recebia reconhecimento e segurança, ou seja, apadrinhamento. Construindo assim uma relação de dependência entre poeta e seu patrocinador.

Nesse escopo, historiadores e poetas eram entendidos da mesma maneira: meios de veiculação da fama. No Renascimento a condição dos bardos modifica, eles poderiam ser considerados ainda “armazenadores de dados”, mas não eram mais eles que decidiam quais os nomes seriam erigidos no hall da fama, mas sim a vontade imprevisível da deusa *fama*. No



Renascimento, a memória dos mortos cedeu lugar de importância para a esperança da imortalização através de contribuições culturais. “A vida após a morte é retirada da vontade exclusiva de Deus” (p. 50). A partir desse momento o instrumento mais importante para a secularização da memória e tempo passa a ser a escrita. É nessa era da imprensa que a *fama* passa de pessoa retratada a pessoa que a retrata. Agora a própria sociedade cria suas instituições de memória. Sem submissão a instâncias de humor instável, é a sociedade agora quem escolhe a perenidade e serenidade dos nomes.

No século XIX há uma nova relação com a cultura da memória, surgem novas formas de encenar os espaços de recordação, que se tornam totalizadores. Nesse caso o museu histórico desempenha papel especial. Já no século XX a mudança é sutil. Assim como no século anterior, havia as disputas de interesses entre senhores que queriam ser representados em memoriais e a autorrepresentação burguesa. Os memoriais já não se dirigiam mais às gerações futuras, mas tornavam-se instrumentos de influência política sobre os cidadãos contemporâneos. Para Asmann, tais memoriais correspondiam na verdade ao desejo de eternizar o presente e negar o processo histórico. Mas em meio desses memoriais estabilizadores, houve também os memoriais revolucionários que se orientavam para o futuro e baseavam-se em forças históricas nascentes. E diante de todos eles estava o memorial do Holocausto, que orientado exclusivamente para o passado, marcou o fim da *fama* e o retorno à forma original da lembrança histórica – a memória dos mortos.

No entanto todos esses tempos se conectam na memória, enquanto a fama se orienta para o futuro, a memória se orienta no passado por entre o véu do esquecimento e reconstrói provas significativas para a atualidade. Desde o Renascimento que esse interesse pela memória como provedora de respostas sobre a própria origem e identidade pode ser percebida, embora ela intensifique com a formação dos Estados Nacionais. Ainda nos séculos XV e XVII abriu-se a terceira dimensão do tempo, que era o tempo dos historiadores, arquivistas, cronistas que buscavam no passado as raízes do presente, uma referência para as gerações futuras.

Acredito que um dos pontos mais importantes do livro de Aleida Assmann é nos fazer refletir sobre a maneira como lidamos com nossas memórias. No Brasil, a maneira de lidar com a experiência de memórias traumáticas marcadas por históricos de violência é bastante complicada, não sendo, muitas vezes, problematizada. Como consequência, experienciamos a relativização de acontecimentos estruturantes de nossa sociedade que é por característica violenta. Um exemplo profícuo é a maneira como vem sendo discutido o período da ditadura militar no Brasil. Ao contrário do que aconteceu na Alemanha, não há, em nosso país, uma



lembança ligada à ditadura militar que tenha sido construída com base em uma infraestrutura duradoura para o futuro. Em tempos em que se faz homenagens a torturadores e se qualifica golpe de Estado uma “revolução”, muito há que ser trabalhado! E como nos mostra Aleida, lidar com esse tipo de passado requer a participação de toda a sociedade; das universidades, que desempenham papel importantíssimo através de pesquisas de fôlego que permitem a “proteção”, problematização e conservação dessa memória traumática; das mídias, através de programas e telenovelas; das escolas e a maneira como se trabalha nas mesmas esse período que ainda hoje ressoa, de maneira desoladora, na sociedade brasileira. E como alertou Assmann, é preciso “Lembrar para não repetir”.

Referências

DOURADO, Flavia. *Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro*. 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

DETSCH, Roland. *Qual é o significado real da lembrança?* Uma entrevista com Aleida Assmann. 2011. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20809570.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, Alessandro. Lembrar para não repetir. *Jornal da Unicamp*. Campinas, p. 6-7. 16 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/564/lembrar-para-nao-repetir>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Recebido em 10 de agosto de 2019.

Aceito para publicação em 29 de agosto de 2019.

